



usam serviços produzidos em Ilhavo. Lá dentro estão 400 peças que ajudam a contar a história desta que é uma das mais antigas fábricas portuguesas, distribuídas por 12 núcleos cronológicos.

“Quisemos ter dentro desta caixa oval o produto acabado, as peças que fazem a história da Vista Alegre [as tais 400], e do lado de fora, em toda a volta, elementos vindos da própria fábrica, como os carrinhos em que as peças ficam à espera de irem para o forno, os moldes... É na fábrica, que é também um laboratório, uma escola, que tudo começa – tinha de estar aqui”, diz Filipa Oliveira, que partilha com Anísio Franco a curadoria de *Rumo ao Infinito*, cuja concepção contou com a colaboração de Filipa Quatorze, directora do Museu da Vista Alegre.

Nas paredes, como que suspensas, estão duas chávenas neoclássicas que saíram da primeira formada de peças em porcelana da Vista Alegre, em 1827, uma delas oferecida à infanta Isabel Maria, filha de D. João VI; um par de jarras com uma odalisca romântica; uma base de candeeiro com quase 100 anos que parece ter sido feita ontem, de tão intemporal que é o seu design; e uma taça em azul e dourado, primorosa.

“Muitos portugueses têm uma relação de proximidade com a porcelana da Vista Alegre porque ela passa ou passou já pelas suas casas – é um património com que vivemos”, argumenta Anísio Franco, advertindo os futuros visitantes, no entanto, para a possibilidade de serem poucas as peças que reconhecerão.

Arte e inovação

Fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto (1774-1839), em Ilhavo, a Real Fábrica da Vista Alegre começou por produzir vidro e, logo em seguida, peças em pó de pedra. A porcelana tal como hoje a associamos à marca estava lá como objectivo desde o início, mas foi preciso esperar por 1827, com o país mergulhado na guerra civil que opôs liberais e miguelistas, para que ela entrasse nos fornos.

Um copo de cristal gravado com a figura de uma deusa num coche puxado por pássaros e um açucareiro moldado e lapidado são testemunho da aposta num fabrico de excepção “que está lá de raiz”, defende o curador. “A fábrica faz, desde logo, objectos utilitários em vidro, como jarros, taças e até apanha-moscas, mas sempre com grande cuidado, com uma qualidade que se vê na execução e na decoração. No vidro que sai de lá na primeira metade do século XIX há uma beleza pura das formas que é muito moderna.”

Sofisticados são também os motivos em relevo da loiça de “pó de pedra” (porcelana imperfeita de pasta mole) que agora se mostra na Ajuda em cestos, pratos, floreiras, candelabros e pequenas estatuetas representando o fundador da fábrica ou Luís

Entre uma “caixa de jóias” e uma cascata de porcelana

Exposição integrada na festa de aniversário desta fábrica histórica que viveu sempre a inovar reúne 400 peças. No Palácio da Ajuda, em Lisboa, até 31 de Maio

Lucinda Canelas Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Um serviço de jantar que só ia à mesa em dias de festa, um conjunto de chávenas de chá delicadas que vivia no louceiro da casa dos avós, uma caixa pequena com rosas em azul e dourado que guardava anéis sobre a cómoda de uma tia e outra, mais discreta, que escondia cigarilhas. Peças de porcelana que foram passando de geração em geração em tantas casas portuguesas, testemunhas de família que podem partir-se, mas que, na sua fragilidade, mantêm intacto o poder de trazer à memória pessoas, cheiros, lugares.

Vista Alegre é, em Portugal, sinónimo de porcelana de qualidade há quase 200 anos, data redonda que a fábrica de Ilhavo tem vindo a festejar este ano, agora com uma exposição que abre hoje no Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa.

Rumo ao Infinito – Vista Alegre, 200 anos de criatividade está instalada na Sala dos Embaixadores, onde o estúdio P 06, do designer Nuno Gusmão, colocou uma “caixa de jóias” oval, com as paredes interiores brancas e as exteriores douradas, reflectindo a arquitectura do próprio palácio, onde ainda hoje, em jantares de Estado, se

Pereira Capote, o jovem operário que descobriu a jazida de caulino que tornou possíveis as “loijas finas” da Vista Alegre (este tipo de argila é, com o feldspato, um dos componentes essenciais da porcelana).

“O Capote era um aprendiz ainda adolescente que encontrou por acaso a jazida do caulino, um material que as pessoas usavam para caiar as suas casas”, explica a diretora do Museu da Vista Alegre, visitável na “pequena cidade” – com um bairro, uma capela do século XVII, uma creche e até um teatro – que nasceu em torno da fábrica de Ilhavo e que chegou a ter 700 moradores. “José Ferreira Pinto Basto tinha uma visão muito clara do que queria para a sua fábrica e ela passava pela porcelana. Andou muita gente pela região à procura de argilas, de jazidas, e fizeram-se muitas experiências, nem todas bem-sucedidas”, acrescenta esta conservadora, apontando para uma taça que “saiu torta” e para um vaso que ganhou fendas. “Estas peças com falhas mostram esse processo de investigação, que teve, naturalmente, erros.”

Depois de o caulino ter sido identificado como o elemento que faltava à pasta da Vista Alegre, a produção começou e com ela o desejo de continuar a inovar, tanto na maneira de fazer como nas formas. “A inovação tecnológica tem sido uma constante ao longo da história da Vista Alegre e nota-se em vários períodos chave”, diz a curadora Filipa Oliveira. “A entrada dos mestres franceses e alemães, que têm um papel importante nesta fábrica, permitiu formar equi-

pas muito competentes, com conhecimentos técnicos e artísticos que foram sendo passados a gerações de operários.”

Victor Rousseau, francês que estava exilado em Inglaterra, é o mestre que marca o período áureo da fábrica no século XIX (1835-1852), lê-se na tábua cronológica que acompanha *Rumo ao Infinito*. Desenhador e pintor, cria a primeira escola de pintura ligada à fábrica, fundamental para garantir a sua qualidade estética, e dá origem a inúmeras peças ricas em ouro e pormenores decorativos.

“É muito importante conhecer a genealogia dos mestres da Vista Alegre para perceber cada período de produção”, diz Anísio Franco, também conservador de escultura do Museu Nacional de Arte Antiga, uma entre várias coleções públicas e privadas representadas na exposição. “Cada um trouxe conhecimentos e um gosto próprio que marcou o que saía da fábrica.”

As formas neoclássicas de Rousseau, decoradas já com elementos do romantismo, como as odaliscas que pintou num par de jarras de 1837-38, seguiram-se a delicadeza vegetalista de Gustave Fortier, com as suas fitas e grinaldas de flores, e o naturalismo do primeiro mestre português, Joaquim José de Oliveira, cujo gosto pela fotografia e pela natureza se torna evidente em peças como a jarra com o retrato da rainha Maria Pia (1878) e os curiosos paliteiros em forma de fruta que a Vista Alegre teve em produção até 1921. Termina nesse ano um período criativo que, sob direc-

ção de pintores como Duarte José de Magalhães e Cândido da Silva, começa em 1881 e apanha a Primeira Guerra Mundial e as dificuldades que veio impor.

É, aliás, no final do século XIX e início do século XX que a Vista Alegre “volta a mostrar muito bem, apesar das dificuldades, que acompanhava as tendências da arte na Europa e era até capaz de adiantar-se no gosto,

como quando faz Arte Nova antes da Arte Nova”, diz Anísio Franco, apontando para “peças notáveis” deste e do núcleo seguinte, que vai de 1921 a 1947, já com alguns motivos e formas *Art Déco*: a cafeteira e o floreiro de Cândido da Silva inspirados na manufatura de Sèvres, a chávina com pires a preto e branco, o vaso “Estrelado” com um verde sedutor, as bases de candeeiro “Parafuzo” e “Bola”, esta última uma colaboração com o pintor António Lima.

Um novo começo

Em 1924, com o centenário, dá-se uma refundação da fábrica, e com ela cresce a sua ambição. Procura-se diversificar a oferta de peças, renovam-se as instalações e investe-se na tecnologia, ao mesmo tempo que se intensificam os convites a artistas externos para que criem a pensar em porcelana.

“A vontade de experimentação continua lá e fazem-se peças em que à pasta é acrescentado um pigmento rosa ou azul bebé”, diz Filipa Oliveira, antes de elencar, com Anísio Franco e Filipa Quatorze, alguns dos artistas, designers e ilustradores que são chamados a colaborar com a fábrica: portugueses como Raul Lino, Roque Gameiro, Delfim Maya e Piló, até ao final dos anos 60, e, daí em diante, Júlio Pomar, Nadir Afonso, Eduardo Nery, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, Joana Vasconcelos, Siza Vieira ou André Letria; e estrangeiros como Jeannine Hétreau, Jack Prince, Gerald Gullota, Sempé, Carmen Otero, Malangatana, Jaime Hayon, Cyril

Pedrosa ou Ross Lovegrove.

“A Vista Alegre foi desafiando os artistas e eles, ao aceitarem, às vezes devolveram o desafio, porque tecnicamente exigiam da fábrica respostas que ela ainda não tinha”, garante a diretora do Museu da Vista Alegre.

Nos núcleos 1947-1968 e 1968-1997 é patente um certo “regresso à norma, à contenção”, característico do Estado Novo, sublinha Anísio Franco, mas também das décadas de 70-80, em que “a inovação estética nas artes se faz com a recuperação dos meios tradicionais, como a pintura”, complementa Filipa Oliveira.

É também nos anos 80 que a parceria com a empresária e colecionadora Mildred Mottaehedeh, da conceituada Mottaehedeh & Company, lhe dá acesso ao mercado norte-americano da porcelana de alta qualidade, chegando a permitir à Vista Alegre fazer peças para a Casa Branca ou para a família Rockefeller, como conta João Pinto Bastos, um dos descendentes do fundador da fábrica.

De 2009, ano em que a Vista Alegre passou a integrar o Grupo Visa-beira, aos dias de hoje, o negócio da empresa diversificou-se, mas manteve no seu epicentro a porcelana e a fábrica como o seu “coração”, assegura Filipa Quatorze, lembrando que ainda hoje alguns dos operários que ali trabalham tiveram pais e avós que desempenharam as mesmas funções. “A ideia de herança, na Vista Alegre, não está só nas peças que passam de pais para filhos, está nas pessoas que ainda hoje produzem esta porcelana”, conclui.

Essas pessoas fazem parte do presente da fábrica, ao passo que a instalação *Continuum* (2024), encomendada a Clare Twomey e instalada na despojada capela do palácio, aponta para o futuro. Ao convite dos curadores, a artista inglesa respondeu com uma cascata de porcelana líquida em movimento perpétuo, tal como acontece nos tanques da fábrica.

“Sabia que a chave para qualquer peça que fizesse para a exposição estaria no material, na porcelana à volta da qual toda aquela fábrica fantástica dança”, diz. “Quando a visitei percebi que ela anda sempre em movimento porque, se parar, seca, morre, e deixa de ter utilidade – porcelana líquida em movimento foi a única ideia que tive para esta peça e foi graças aos engenheiros e operários que nunca me disseram ‘não’ que conseguimos montar esta cascata. Não foi nada fácil de construir.”

Líquida, a porcelana guarda em si possibilidades infinitas, acrescenta a artista que trabalha com ela há 30 anos. “Esta cascata é um convite a que cada um de nós seja o que quer ser.” Com ou sem molde.



Muitos portugueses têm uma relação de proximidade com a porcelana da Vista Alegre porque ela passa ou passou já pelas suas casas

Anísio Franco
Co-curador da exposição

O trio de curadores (em cima) e Clare Twomey, que criou uma instalação para a exposição

Chávina e pires de 1870-80 e Modelo “Estrelado” dos anos 30

